

A Revolução em Assuntos Militares: 12 Observações sobre uma Ideia Fora de Moda

Tenente-Coronel Scott Stephenson (Reserva), Ph.D., Exército dos EUA

COMO BRADO DE convocação para transformar as forças militares, o conceito de “revolução em assuntos militares (RAM)” cumpriu seu papel. De meados dos anos 90 ao início do século XXI, o Pentágono utilizou-o para justificar a reformulação da doutrina, a reforma das estruturas organizacionais e o dispêndio de grandes quantias em novos sistemas de armas. Embora o conceito de RAM deva sua origem, em grande parte, aos historiadores (a “revolução militar” do século XVII) e aos teóricos soviéticos (a “revolução tecnológico-militar”), a liderança civil e militar das forças militares dos EUA constatou que a ideia encontrava grande receptividade entre os políticos, especialistas e acadêmicos. Por algum tempo, não se podia abrir uma publicação militar como a *Joint Force Quarterly*, a *Parameters*, ou a *Proceedings* sem encontrar um artigo analítico sobre o papel que a então atual RAM exercia na modelagem da guerra futura.¹

Hoje, o brado de convocação está morto. Seria difícil determinar com precisão o exato momento e local da morte da RAM. A sinergia empolgante das Forças Especiais e bombardeiros B-52 ao atacarem o Talibã em 2001 pareceu fazê-la voltar à moda. Contudo, com o início de uma insurgência plenamente desenvolvida no Iraque, no final de 2003, o uso da “RAM” como um mantra do Pentágono teve um fim súbito. O local exato do colapso da expressão está aberto à especulação, mas uma possibilidade a ser considerada fica ao longo da “Rota Irlandesa” (*Route Irish*), entre a “zona verde” e o Aeroporto Internacional de Bagdá. Perto do chassi de uma viatura incendiada, talvez também possam

ser encontrados os destroços de conceitos relacionados com a “revolução em assuntos militares”, como “consciência situacional” e “domínio de todo o espectro”. Nossa dolorosa experiência no Iraque destruiu a maioria dos enaltecidos (e banais) jargões que as forças militares dos EUA carregaram sem questionar para o novo século.² Embora os historiadores possam continuar a ver utilidade na ideia de uma mudança revolucionária na arte da guerra, as forças militares dos EUA parecem estar mais do que dispostas a deixar a RAM e sua prole conceitual para trás.

Entretanto, antes que joguemos no lixo da história essa revolução supostamente morta e excluamos as referências a essa ideia das apresentações de *PowerPoint*, devemos realmente considerar o que se poderia *extrair* da noção de uma mudança súbita e radical na forma como as guerras e o combate são conduzidos. Afinal, a ideia de RAM ajudou a inspirar um longo diálogo entre o meio acadêmico e o estabelecimento de Defesa dos EUA sobre as origens da inovação e adaptação nas organizações militares. O Iraque desacreditou nossa celebração de uma “revolução em assuntos militares americana” distinta e baseada em tecnologia, mas a utilidade do conceito original suportou desafios sem que a ideia central fosse refutada. A tendência pode ter saído da moda, mas não se deve esquecer a sua gênese da mesma forma míope como aceitamos a sua evangelização.

Há ao menos uma dúzia de utilidades nesse conceito para examinarmos os problemas de Segurança Nacional dos EUA no século XXI. É improvável que a ideia de RAM ressurgja como um

O Tenente-Coronel (Reserva) Scott Stephenson, Ph.D., Exército dos EUA, é professor adjunto da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA, Forte Leavenworth, Kansas, Departamento de História Militar. É bacharel pela Academia Militar dos EUA, mestre pela

Syracuse University e doutor pela University of Kansas. Serviu em funções de comando e estado-maior nos Estados Unidos e na Europa. É o autor de The Final Battle: Soldiers of the Western Front and the German Revolution of 1918 (Cambridge, 2009).

slogan cativante, mas seu esqueleto conceitual ainda pode servir como um referencial útil para a análise, especialmente quando ela é alimentada por uma perspectiva histórica. Baseado nessa crença, esta discussão oferece 12 assertivas desenvolvidas a partir de exemplos históricos e do conceito *démodé* de RAM moderna. Com base na história, podemos chegar a conclusões que esclareçam a provável relevância dos fatos, mas que não nos permitem fazer previsões. Como nos lembra o estrategista Colin Gray: “O futuro ainda não aconteceu.”³ A história pode ser uma ferramenta imperfeita para prever o futuro, mas é a melhor que temos.

Ao fazer essas 12 afirmações, busco certo grau de clareza teórica com as definições oferecidas por Williamson Murray e MacGregor Knox no livro *The Dynamics of Military Revolution, 1300-2050*, publicado em 2001. Ao descrever o fenômeno de falhas de continuidade acentuadas na história militar, Knox e Murray distinguem entre uma “revolução em assuntos militares” e uma “revolução militar”. Descrevem esta última

como um evento “incontrolável, inesperado e imprevisível” que “mude fundamentalmente a estrutura da guerra” por meio de mudanças sísmicas tanto nas sociedades quanto na organização militar. Um exemplo óbvio seria a Revolução Francesa, que transformou a França de uma monarquia absolutista em uma república democrática ao mesmo tempo em que liberou forças que possibilitaram as formas radicalmente novas de combate empreendidas por Napoleão. Uma RAM, segundo Murray e Knox, é um fenômeno menor e mais restrito, que exige a “reunião de uma combinação complexa de inovações táticas, organizacionais, doutrinárias e tecnológicas para a implantação de uma nova abordagem conceitual em relação à guerra ou a um sub-ramo especializado dela”. Murray e Knox sustentam que, se compararmos uma revolução militar a um terremoto, as revoluções em assuntos militares seriam os tremores secundários – anteriores e seguintes – que o acompanham. Se, por exemplo, a Primeira Guerra Mundial foi a inconfundível revolução



SGT ASHLEY BROKOP, FORÇA AÉREA DOS EUA

Na Zona Verde em Bagdá, a polícia iraquiana é apoiada por um carro de combate M1A1 Abrams, do Exército dos EUA, enquanto investiga um local chamuscado por uma explosão causada por um dispositivo transportado por veículo (VBED).



HMS Dreadnought a caminho, cerca de 1906.

militar do século XX, então o nascimento do combate mecanizado, o bombardeio estratégico e o combate submarino são algumas das revoluções em assuntos militares que resultaram do poderoso impacto dessa guerra na sociedade, na tecnologia e nas instituições militares.⁴ Assim, chegamos à minha primeira (e mais óbvia) afirmação sobre revoluções em assuntos militares.

1. As revoluções não esperam por ninguém (e por nenhum Exército, Marinha ou Força Aérea).

Os que demoram a adaptar-se a revoluções militares e a revoluções em assuntos militares são propensos a sofrer resultados dolorosos. Quando o ritmo de mudança aumenta, as forças militares que se antecipam e se adaptam têm chances de ganhar uma enorme vantagem em relação a potenciais inimigos menos ágeis. Durante os anos 90, os entusiastas da RAM interpretaram essa assertiva de várias formas e frequentemente a fizeram acompanhar por uma referência à vitória alemã baseada na *blitzkrieg* sobre a França em 1940. O triunfo da *Wehrmacht* (Forças Armadas alemãs) sobre os exércitos aliados era útil como exemplo, especialmente quando acompanhado de ilustrações das formações blindadas (*Panzer*) e dos bombardeiros de mergulho *Stuka*. Da mesma

forma, o impressionante triunfo de Napoleão sobre o Exército prussiano, em 1806, poderia igualmente ser utilizado como referência. Em ambos os casos, o perdedor demorou a reconhecer como o modo de combater estava mudando. No caso de 1940, os franceses foram vítimas da RAM. Em 1806, uma revolução militar acontecia do outro lado. Os orgulhosos regimentos do Exército de Frederico, o Grande, tornaram-se um obstáculo insignificante ao gênio de Napoleão e às energias liberadas pela Revolução Francesa.

O que isso significa para nós, hoje? Deve nos inspirar a questionar se a “revolução em assuntos militares americana” dos anos 90 já chegou ao fim. Qual é o nosso grau de adaptabilidade às suas consequências? As forças militares americanas realmente promoveram uma cultura que prevê e explora as mudanças? O sistema de ensino do Exército anuncia que desenvolve líderes flexíveis e adaptáveis. Isso é só propaganda? Com quem nos parecemos mais: com os alemães ou com os franceses na *blitzkrieg* de 1940? Essas perguntas suscitam uma segunda assertiva sobre a RAM.

2. Os que vivem segundo a RAM podem igualmente morrer por ela e, com o tempo, a concorrência os alcançará.

Em 1813, diante de evidências de que seus inimigos estavam aprendendo com as próprias derrotas, Napoleão disse: “Esses animais aprenderam algo!”⁵ As vitórias do imperador francês inspiraram a reforma e a inovação nos exércitos da Prússia e da Áustria e incentivaram improváveis aliados, como a Grã-Bretanha e a Rússia, a aderir à poderosa coalizão, determinada a acabar com “O Corso”. Da mesma forma, a *blitzkrieg* perdeu a mágica depois que a *Wehrmacht* se estendeu além de sua capacidade na União Soviética. Do final de 1942 até a queda de Berlim, os alemães viveram a versão de *blitzkrieg* do Exército Vermelho na Ucrânia, na Bielo-Rússia e ao longo do rio Vístula. Da mesma forma que a vitória, as vantagens advindas da exploração de uma RAM são um “ativo consumível”. Uma força militar resoluta inspira imitação e adaptação por parte do inimigo.

Os exemplos de Napoleão na derrota e da *Wehrmacht* massacrada pelos soviéticos devem nos inspirar a considerar a “meia-vida” da RAM que celebramos nos anos 90. Os líderes norte-americanos devem se questionar sobre até que ponto nossos inimigos reais e potenciais avançaram em minorar as vantagens do campo de batalha que exibimos durante a Operação *Desert Storm* e as invasões do Afeganistão e do Iraque. Até quando devemos considerar decisivas as nossas vantagens? Minha próxima assertiva é um desdobramento lógico dessa questão.

3. A vantagem em um aspecto do combate inspirará outros a lançar suas próprias RAMs.

A inferioridade estratégica do concorrente o inspira a inovar. A mudança revolucionária é uma reação à competição. Considere-se a vantagem naval britânica até o século XX. Em 1906, ao enfrentarem uma frota alemã cada vez maior, o chefe do Estado-Maior da Marinha, Jackie Fisher, e a Marinha Real reagiram com a introdução de um navio de guerra com um desenho revolucionário: o HMS *Dreadnought*.⁶ Quando a guerra surgiu entre a Alemanha e a Grã-Bretanha em 1914, os britânicos possuíam uma vantagem numérica decisiva em relação a esse novo tipo de embarcação. Os alemães desafiaram essa vantagem brevemente em 1916, em Jutland, e acabaram sendo obrigados a deixar sua frota de superfície enferrujar no porto. Contudo, em

1917, enquanto os submarinos alemães (*U-boats*) destroçavam navios de carga aliados, a vantagem britânica gerada pelo encouraçado *Dreadnought* parecia bem menos significativa. Ao utilizar embarcações submersíveis contra as linhas de comunicação marítimas da Grã-Bretanha, os alemães lançaram sua própria RAM. Durante um período de alguns meses, os submarinos alemães ameaçavam subjugar pela fome a Grã-Bretanha enquanto os encouraçados da Marinha Real mofavam em *Scapa Flow*. Da mesma forma, depois da Primeira Guerra Mundial, a maior parte do mundo acreditava que a França tinha o Exército mais poderoso e eficaz da Europa. Durante a maior parte do período entre-guerras, o efetivo mobilizado do Exército francês ofuscava o pequeno *Reichswehr*, restrito por um tratado. A vantagem francesa (e polonesa) em homens e material bélico praticamente forçou a Alemanha a desenvolver uma doutrina e uma estrutura de Força que enfatizasse a manobra, iniciativas nos escalões mais baixos e a cooperação das armas combinadas. Desenvolvendo essas ideias, o Exército alemão dos anos 20 começou a reunir os componentes que estrearam na forma de uma *blitzkrieg* nas planícies polonesas.⁷

Assim, forças aparentemente mais fracas podem virar o jogo contra os inimigos. Com esses exemplos em mente, imagina-se que os que se ressentem com a atual dominância dos EUA em assuntos militares buscarão (para ressuscitar outro antigo tema “quente”) uma resposta assimétrica às vantagens norte-americanas no campo de batalha moderno. A Al-Qaeda nos deu uma amostra desse fenômeno, e podemos nos perguntar que surpresas os chineses estão desenvolvendo. Quantas “brigadas” de técnicos trabalham em Pequim e Xangai para neutralizar as vantagens dos EUA em tecnologia de vigilância, sistemas de comando e controle e munição de precisão? Essa questão leva à minha próxima observação.

4. Mesmo antes de amadurecer no campo de batalha, uma RAM pode gerar uma “contrarrevolução em assuntos militares.”

Se você faz propaganda de inovações maravilhosas, alguém pode notar. Quando são introduzidas mudanças revolucionárias na doutrina, na estrutura da Força e na tecnologia, os concorrentes inteligentes estarão prestando

atenção. E se, além disso, você fizer muito alarde sobre as suas inovações, esses concorrentes estudarão como neutralizá-las. Considere-se o caso do bombardeio estratégico antes da Segunda Guerra Mundial. Durante a Primeira Guerra Mundial, o bombardeio estratégico alemão fez uma estreia estrondosa, mas, em última análise, inconclusiva. Os zepelins e os bombardeiros Gotha provocaram um breve pânico entre a população inglesa, mas as limitações técnicas dessas duas plataformas de bombardeio fizeram com que elas tivessem apenas um efeito insignificante no resultado da guerra. Entretanto, entre as guerras, os entusiastas do poder aéreo Giulio Douhet e Billy Mitchell sugeriram que bombardeiros melhores iriam trazer caos aos alvos civis indefesos. Nos anos 30, à medida que a Alemanha nazista começava a rearmar-se, Hitler e Goering apregoavam a capacidade da recém-criada *Luftwaffe* de exercer esse papel destrutivo. Na verdade, as capacidades estratégicas da *Luftwaffe* eram limitadas, mas as limitações não estavam imediatamente aparentes para os vizinhos da Alemanha. Nas crises diplomáticas que antecederam a Segunda Guerra Mundial, Hitler utilizou o espectro de um céu escurecido pelos bombardeiros alemães para intimidar seus adversários.

Do outro lado do Canal da Mancha, o Chefe do Comando de Caças da Real Força Aérea Britânica (*Royal Air Force — RAF*), Tenente-Brigadeiro-do-Ar Hugh Dowding, estava atento ao crescimento da *Luftwaffe*. Prevendo o que seria necessário para pôr fim aos bombardeios alemães, Dowding começou a reunir as peças de um sistema integrado de defesa antiaérea. Quando Goering voltou sua atenção para o bombardeio da Inglaterra, a RAF havia construído uma rede de instalações de radar, bases de caças e estações de controle locais e centralizadas. No verão de 1940, quando os primeiros aviões Heinkel e Messerschmidt apareceram sobre o litoral inglês, foram desconcertados pela velocidade da resposta da RAF. Entretanto, a Batalha da Grã-Bretanha quase foi perdida e a posterior vitória britânica se deveu muito à visão de Dowding, assim como às limitações da *Luftwaffe*. Dowding havia previsto o que seria necessário para se defender contra um bombardeio estratégico, a nascente RAM liderada pela *Luftwaffe*. O que

Dowding havia lançado era, com efeito, uma “contrarrevolução em assuntos militares”.⁸

Esse exemplo de 75 anos atrás deve nos fazer parar para pensar. O processo de aquisições

É preciso aprender com as “quase derrotas”.

das forças militares dos EUA alardeia futuros sistemas e capacidades muito antes que eles entrem em dotação. Para apressar a decisão de aquisição, os fabricantes de material militar colocam em campo protótipos atraentes e encenam testes de desempenho espalhafatosos muito antes que se decida prosseguir com sua produção, e a natureza das coisas é tal que a nova tecnologia muitas vezes não faz jus à propaganda exagerada que caracterizou seu desenvolvimento. Contudo, até que ponto os futuros “homólogos rivais” podem permanecer céticos quanto às alegações feitas sobre novas aeronaves de caça, satélites de reconhecimento e sistemas de combate terrestre dos EUA? Se um concorrente esperar para ver se um determinado equipamento militar funciona conforme foi anunciado, arriscará perder o tempo que poderia utilizar para desenvolver contramedidas ou sistemas rivais. Com o anúncio de cada novo programa de armas norte-americano, pode-se imaginar que os chineses comecem a montar uma “equipe de pesquisa e desenvolvimento” para criar contramedidas. (Quantos trabalhavam para neutralizar o Sistema de Combate do Futuro antes que ele fosse cancelado?) Contudo, se a inovação inspira contramedidas, como se sabe quando se deve parar de se preocupar com elas? A resposta a essa pergunta nos leva à quinta afirmação.

5. A “quase” Revolução da última vez pode ser decisiva na próxima vez.

É preciso aprender com as “quase derrotas”. As perdas de navios geraram ansiedade na Grã-Bretanha durante a primavera e o verão de 1917, quando parecia que os *U-boats* se tornariam a arma decisiva da Primeira Guerra Mundial. Contudo, poucos meses depois de adotar um sistema de comboio, a Marinha Real já havia colocado a ameaça dos submarinhos sob controle. Terminada a guerra, os almirantes

britânicos não ignoraram a ameaça, mas acreditaram que o sistema de comboio e a nova maravilha tecnológica, o sonar, neutralizariam os submersíveis do inimigo. Quando teve início a Segunda Guerra, em 1939, a Marinha alemã, a *Kriegsmarine*, tinha poucos submarinos oceânicos para mudar essa forma de pensar. Contudo, em 1942, Doenitz e companhia haviam sido capazes de colocar centenas de submarinos no mar, a partir de bases na Noruega e no Golfo de Biscaia, que possibilitaram fácil acesso às rotas marítimas do Atlântico. Os alemães empregaram novas táticas que utilizaram de forma eficaz as “alcateias” de submarinos, o reconhecimento aéreo e o controle de rádio a partir de terra firme. Vinte e cinco anos depois da crise de 1917, os britânicos se achavam mais uma vez pressionados pela perspectiva de derrota por uma frota de submarinos alemães. As embarcações alemãs de 1942 e 1943 eram bastante semelhantes às empregadas na Primeira Guerra Mundial, mas, ao serem utilizadas de novas formas, criaram o renascimento da “revolução em assuntos militares submarina” vista 25 anos antes.

A Segunda Guerra Mundial assistiu a um renascimento semelhante dos carros de combate. Os carros de combate de 1918 desempenharam um papel importante, mas não decisivo, na vitória dos Aliados. As insuficiências técnicas restringiam os monstros de 1917 e 1918 ao papel de adjuntos da “pobre e sangrenta Infantaria” e da arma verdadeiramente decisiva da Frente Ocidental, a Artilharia. Vinte anos depois, alguns carros de combate alemães desempenhariam o papel principal nas vitórias de *blitzkrieg* contra a Polônia e os Aliados Ocidentais. A doutrina de armas combinadas, o comando e controle descentralizado e as melhorias técnicas conferiram ao carro de combate um papel decisivo que apenas uns poucos visionários haviam enxergado nos anos entre-guerras.

Os casos dos submarinos e dos ataques de carros de combate alemães sugerem que é possível fazer com que armas antigas executem novos truques. Isso deveria nos levar a perguntar se alguma arma que descartamos pode ser ressuscitada e bem

aproveitada no campo de batalha.⁹ Podemos nos dar ao luxo de buscar o “sistema depois do próximo” antes de esgotarmos o potencial dos equipamentos que possuímos?¹⁰

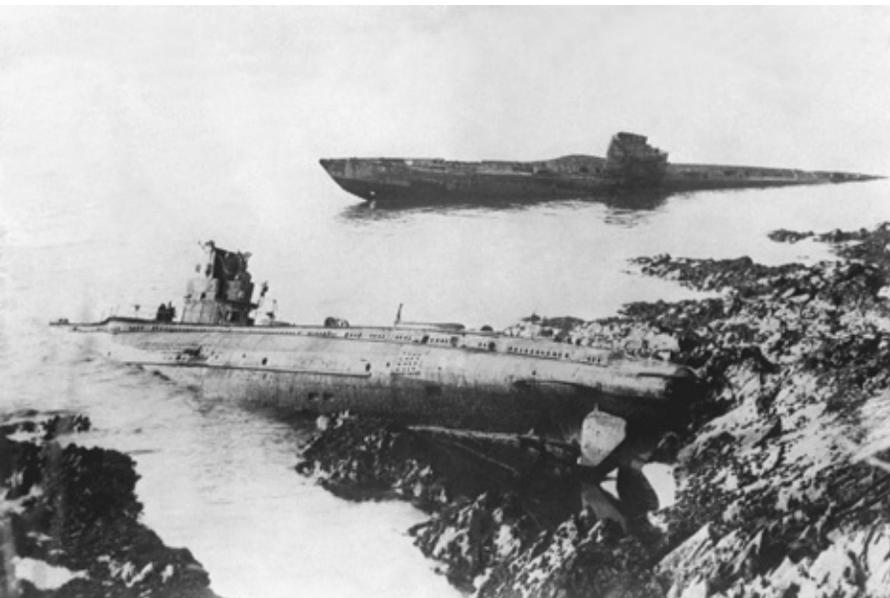
Os exemplos do *U-boat* e do *Panzer* também nos lembram que pode-se fazer uma RAM ao aplicarmos uma nova forma de pensar a velhos equipamentos. Uns poucos líderes visionários podem transformar as armas existentes em instrumentos capazes de vencer futuras guerras. Contudo, a menos que se acredite que indivíduos possam controlar o caráter mutável do campo de batalha, é preciso lembrar que, segundo Murray e Knox, existem mudanças tão grandes e fundamentais que escapam das correntes do controle humano.¹¹ Essas mudanças levam à minha próxima observação.

6. Nós orientamos as revoluções em assuntos militares, e somos levados pelas revoluções militares.

As mudanças radicais na sociedade e na condução da guerra estão, em geral, fora de nosso controle. Quando Luís XVI foi decapitado pelos revolucionários franceses, as dinastias da Europa temeram os efeitos perigosos do tumulto político que se apossara da França e destruíra a monarquia Bourbon. Contudo, nem os monarcas do continente nem seus generais poderiam ter previsto a mobilização do Poder Nacional francês possibilitada pela revolta ou as mudanças nas



Membros da Guarda Costeira no convés do navio *Spencer* observam a explosão de uma carga submarina, que destruiu a esperança de um submarino nazista de atingir o centro de um grande comboio. Afundamento do submarino U-175, 17 Abr 43.



Um incidente marcante do pós-guerra foi o aparecimento de dois submarinos alemães nas rochas em Falmouth, Inglaterra. Eles emergiram a uma distância de apenas alguns pés; ambos haviam sido afundados durante a guerra, em 1921.

técnicas de combate que dela resultaram. Foi preciso que um ambicioso (e extremamente sortudo) jovem oficial corso se desse conta do poder da nova ordem e o explorasse em Marengo, Austerlitz e Jena. Ironicamente, porém, o mesmo nacionalismo e espírito de reforma que tornaram os exércitos de Napoleão tão formidáveis também inspiraram seus inimigos. Em 1813, as energias liberadas pela Revolução Francesa haviam se voltado contra o homem que mais se beneficiara delas. O exílio final de Napoleão em Santa Helena deve incentivar a humildade.

Uma análise dos campos de batalha napoleônicos leva à minha sétima afirmação.

7. Nem todas as revoluções militares e revoluções em assuntos militares são baseadas na tecnologia.

As revoltas políticas, as mudanças sociais e o desenvolvimento econômico podem alterar radicalmente o modo de conduzir a guerra. Mais uma vez, as realizações de Napoleão oferecem um exemplo claro dessa afirmação. As armas carregadas por seus *grognards* eram, em essência, as mesmas utilizadas pelos adversários da França. Em Auerstedt, o Corpo de Exército do Marechal Davout desviou uma força prussiana com o dobro de seu tamanho não por causa de suas armas, mas devido a seu espírito

revolucionário, sua liderança inspirada e sua organização tática flexível. Os comandantes franceses subordinados estavam prontos para tomar a iniciativa quando a situação assim o exigisse. Os atiradores operavam como indivíduos pensantes. Além disso, as mudanças na ordem econômica e política do início do período moderno da Europa levaram aos primeiros exércitos permanentes verdadeiros. Como sustentado por historiadores como Geoffrey Parker e Michael Roberts, o treinamento, a disciplina, os salários confiáveis, as unidades militares permanentes e uma burocracia de arrecadação de impostos relativamente eficiente conferiram à Europa uma vantagem contra exércitos de fora do continente. As armas com fecharia de pederneira, as caravelas e as fortificações *trace italienne* [construções em forma de estrela – N.

do T.] desempenharam um importante papel tecnológico em ampliar a superioridade militar europeia em todo o mundo, mas pode-se afirmar que o “*software*” da inovação militar fez tanta diferença quanto seu “*hardware*”.

Assim, antes das “mudanças revolucionárias” do século XVII, a Turquia otomana era capaz de invasões periódicas no interior da Europa; as tropas turcas chegaram a sitiá-la em Viena em 1683. Contudo, quando os Habsburgos lograram pôr em campo forças que exibiam todas as vantagens de procedimento e disciplina, teve início a retirada dos otomanos.

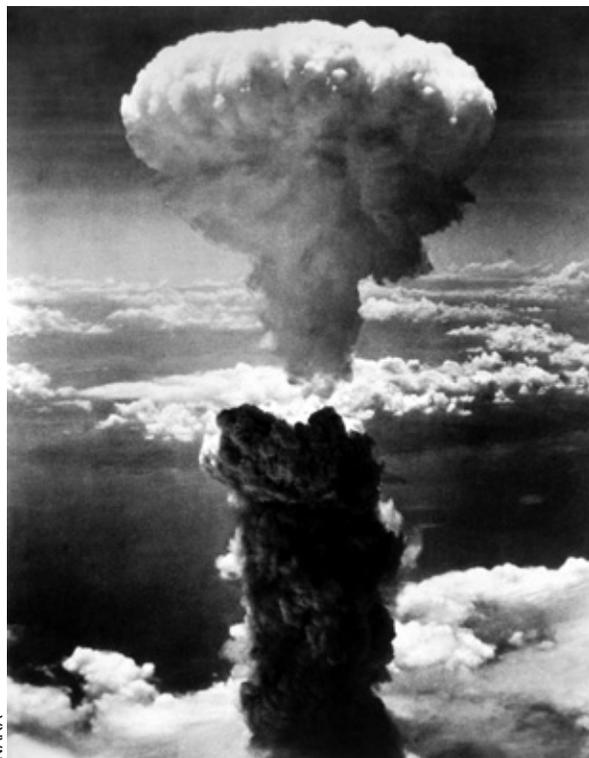
Por que isso é importante para nós? Como norte-americanos, costumamos ser extremamente sensíveis à inovação tecnológica entre os nossos adversários e rivais potenciais. Assim, durante a Guerra Fria, a Agência de Inteligência de Defesa (*Defense Intelligence Agency*) descrevia cenários com potenciais sistemas de armas do inimigo, alguns em desenvolvimento e outros fantasiosos. Enchemos nossas “avaliações de ameaças” com análises dos sistemas inimigos existentes e dos esforços de desenvolvimento considerados hostis, mas não nos detivemos para analisar se esse foco poderia nos cegar para outras tendências no mundo. Ignoramos a ascensão do jihadismo militante por causa do nosso fascínio

com o enriquecimento de materiais físséis da Coreia do Norte? A nossa visão provinciana nos leva a interpretar erroneamente uma tendência ou uma ameaça, mesmo quando a enxergamos claramente? Essa linha de raciocínio leva à minha próxima observação.

8. A RAM de uma força singular pode marginalizar outra força singular.

O que parece maravilhosamente “revolucionário” para uma força singular pode não parecer assim para outra. Quando os primeiros carros de combate avançaram na “terra de ninguém” em setembro de 1918, os visionários viram que a guerra nunca mais seria a mesma: o motor a combustão interna, e não mais o cavalo, geraria a ação de choque no campo de batalha do futuro. Contudo, poucos cavalarianos aceitaram essa visão. Os defensores da Cavalaria travaram uma ferrenha ação retardadora contra a primazia do carro de combate no combate montado. Os infantistas também se empenharam em restringir as forças blindadas a um papel coadjuvante e em manter os “rebeldes” do carro de combate em seu lugar.

Da mesma forma, quando os EUA lançaram bombas atômicas no Japão em agosto de 1945, ninguém precisava de uma bola de cristal para ver que a guerra estava à beira de um mar de mudanças. Entretanto, dentro das forças militares dos EUA, as mudanças anunciadas com a era nuclear criaram classes de vencedores e de perdedores; a recém-independente Força Aérea dos EUA e, em particular, o Comando Aéreo Estratégico, viu-se, com razão, como o componente essencial da segurança dos EUA e pensou que, se as demais forças ficassem marginalizadas, que assim fosse. A Marinha dos EUA poderia patrulhar os mares e o Exército poderia proteger as bases aéreas e patrulhar o campo de batalha nuclear, mas os enormes bombardeiros do Comando Aéreo Estratégico carregariam o fardo da dissuasão e do combate. Receando a marginalização, a Marinha dos EUA lançou a “revolta dos almirantes”, enquanto o Exército se inspirou a adotar experiências mal formuladas, como a “Divisão Pentômica” [Divisão de Infantaria com unidades subordinadas de base cinco — N. do T.]. Ambas as Forças lutavam para encontrar seu papel no campo de batalha nuclear.



NARA

Uma densa coluna de fumaça sobe mais de 18 mil metros acima do porto japonês de Nagasaki, resultado de uma bomba atômica, a segunda a ser utilizada em guerra, lançada de um B-29 Superfortress dos EUA no centro industrial, 8 Ago 45.

Avancemos a fita para o final do século. A Força Aérea e, em menor grau, a Marinha, pareciam bem posicionadas para se beneficiar da “revolução em assuntos militares americana” dos anos 90. Os “profetas” previram que os avanços em comunicações, as imagens de satélites e a seleção precisa de alvos removeriam “a névoa e a fricção” do campo de batalha e promoveriam o “perfeita consciência situacional”. Nas atmosferas estéreis do céu, espaço e mar, nenhum inimigo seria capaz de se esconder das maravilhosas armas dos EUA. O Exército, temendo pelo seu futuro nesse ambiente, criou uma transformação que, de modo semelhante, mas menos convincente, avocava para si a predominância no campo de batalha terrestre.¹² Ao se adaptarem às novas realidades da guerra do século XXI, os visionários das três grandes forças singulares devem parar e pensar sobre a próxima assertiva.

9. As lições duradouras da história militar foram pagas com sangue.

O desenvolvimento da doutrina para explorar uma RAM não pode estar separado da

experiência. Durante a Primeira Guerra Mundial, os resultados alcançados com o bombardeio estratégico foram escassos. Os zepelins criaram um breve pânico entre a população inglesa e os bombardeiros quadrimotores obtiveram um modesto índice de mortes civis com seus ataques um tanto aleatórios. Não obstante, ao fim da guerra, o primeiro “profeta” do poder aéreo, Giulio Douhet, previu que o bombardeio estratégico seria a forma decisiva de combate, no futuro. As forças terrestres e navais se tornariam supérfluas, e tentativas de defesa antiaérea seriam inúteis. Inspirado por Douhet e por seu próprio “rebelde” do poder aéreo, Billy Mitchell, o Corpo Aéreo do Exército dos EUA desenvolveu uma doutrina de bombardeio estratégico que exigia que bombardeiros pesados americanos incapacitassem o esforço de guerra do inimigo ao atacar alvos-chave no território deste.

A doutrina pressupunha que esses alvos existissem e pudessem ser identificados. Presumia que os bombardeiros seriam capazes de chegar até os alvos e lançar as bombas com precisão suficiente para atingi-los e que os alvos seriam vulneráveis à destruição por ataques aéreos. Mais importante: a doutrina pressupunha que um inimigo seria incapaz de se defender contra esses ataques. Os redatores de doutrina da Escola Tática do

O desenvolvimento da doutrina para explorar uma RAM não pode estar separado da experiência.

Corpo Aéreo (*Air Corps Tactical School*), em Langley, desenvolveram suas premissas sobre a identificação de alvos e navegação com base em capacidades de inteligência que eram incertas e em tecnologia não comprovada. Entretanto, ao presumir que os bombardeiros norte-americanos não precisariam obter a superioridade aérea antes de explorar o potencial do bombardeio estratégico, eles foram de encontro a uma das lições mais evidentes advindas da Primeira

Guerra Mundial: que as forças aéreas do inimigo precisam ser sobrepujadas antes que a capacidade total do poder aéreo possa ser utilizada contra alvos no terreno.¹³ Entre 1914 e 1918, os aviadores haviam pagado com sangue por essa lição. E, mais uma vez, a Oitava Força Aérea dos EUA viria a pagar com sangue pela lição nos céus de Regensburg e Schweinfurt. Os norte-americanos costumam ser casuais demais em sua análise histórica. As lições aprendidas nos céus da Alemanha nazista devem nos lembrar a manter nosso entusiasmo com a inovação em perspectiva. Talvez parte do problema para o Corpo Aéreo do Exército no período entre-guerras tenha sido a falta de um inimigo evidente contra o qual ele pudesse testar suas ideias. Essa observação leva à minha próxima observação.

10. É difícil manter a liderança em uma RAM sem uma ameaça estratégica convincente.

A inovação eficaz precisa de uma ameaça real na qual possa concentrar-se. Em sua análise da inovação durante o período entreguerras, Williamson Murray observou que as instituições militares com mais sucesso em prever os problemas dos campos de batalha do futuro eram as que estudavam problemas específicos apresentados por inimigos específicos.¹⁴ O exemplo mais claro dessa observação talvez nos seja oferecido pela Marinha e pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, nos anos anteriores a 1941. Ambas as Forças previram que o inimigo mais provável do futuro seria o Império Japonês. Com isso em mente, elas criaram e aperfeiçoaram o Plano de Guerra *Orange* como um marco para se prepararem para a guerra contra os japoneses. Quer nos jogos de guerra na Escola de Guerra Naval, quer nos estudos visionários de operações anfíbias do Major Pete Ellis, a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais concentraram o desenvolvimento de armas, os programas de treinamento, seus exercícios e seus experimentos contra aquele inimigo específico. Esse foco em um inimigo específico se tornou a base de inovações de sucesso em duas formas de combate praticamente novas: a guerra de porta-aviões e o assalto anfíbio contra ilhas fortificadas. A inovação focalizada do período entre-guerras estabeleceu a base para as vitórias dos EUA em Midway e Guadalcanal.

A conclusão de que a percepção clara de ameaça é pré-requisito para uma inovação eficaz deve nos levar a pensar. Os Estados Unidos enfrentam um conflito em curso no Afeganistão. No entanto, o Pentágono não poderá se dar ao luxo de enfatizar apenas a contrain-surgência. Há muito mais perigos no horizonte. Os EUA não podem fazer o que a Grã-Bretanha fez durante os anos 20: economizou no orçamento de Defesa enquanto

dedicava alguma atenção ao policiamento do Império e à defesa territorial e quase nenhuma atenção à ameaça de uma guerra convencional com a Alemanha na linha do horizonte. Da mesma forma, a transformação recente do Exército dos EUA foi orientada pela busca de capacitações e não por uma ameaça concreta. Pode-se conjecturar que os esforços estivessem concentrados no alvo errado.

Como aconteceu com os Estados Unidos no período entre-guerras, o Japão também se beneficiou da preparação para a guerra contra um inimigo bem definido. Contudo, a habilidade de seus pilotos de caça, a bravura de sua Infantaria, a agilidade dos aviões “Zero” e a letalidade dos torpedos “Longa Lança” não foram suficientes para superar um erro fundamental: combater um inimigo cujo potencial militar ofusca o seu próprio. Minha 11ª assertiva é a seguinte:

11. A liderança durante uma RAM não pode superar graves erros de cálculo estratégico.

O brilhantismo tático e a criatividade tecnológica não superam a dificuldade de enfrentar um inimigo maior do que aquele com que se pode lidar. O Japão Imperial é o exemplo patente dessa observação. Qualquer que fosse



Hitler e Mussolini em Munique, na Alemanha, cerca de junho de 1940. Coleção de Eva Braun. (Registros Estrangeiros Confiscados)

sua vantagem em aviação de porta-aviões, ela não chegava nem perto de ser suficiente para superar o poderio industrial norte-americano (mesmo sem a catástrofe em Midway). Os japoneses fizeram uma aposta em relação à determinação norte-americana e perderam feio. Hitler é outro exemplo perfeito dessa observação. Empregou a RAM de *blitzkrieg* através das planícies polonesas e ao redor da Linha Maginot. Entretanto, a habilidade tática e as campanhas oportunistas da *Wehrmacht* não foram suficientes contra a União Soviética, com sua amplitude, seu clima e a “capacidade de fênix” de regenerar divisões das suas forças militares. O mito da invencibilidade alemã morreu, enregelado, nos arredores de Moscou. Hitler agravou esse fiasco estratégico com uma declaração desnecessária de guerra contra os EUA naquele mesmo inverno.

Há um exemplo mais recente à mão. Dado o efetivo limitado de nossas forças terrestres, uma análise retrospectiva sugere que os EUA se envolveram em pelo menos uma guerra a mais do que deviam em 2003. A corrida rumo a Bagdá em março e abril daquele ano parecia uma *blitzkrieg*. Parecia brilhantemente decisivo e

econômico em termos de custos humanos. Hoje, sete anos depois, temos dificuldade em encontrar soldados suficientes para travar nossas guerras no Iraque e no Afeganistão. Podemos acabar roubando a Pedro em Ramadí para pagar a Paulo em Kandahar.

Ao menos parte do problema, segundo alguns, esteve relacionada à nossa incapacidade de definir um rumo para a situação final política que desejávamos, que fosse além de nossas retumbantes conquistas no campo de batalha. Agora, estamos tendo de reaprender os fundamentos da contrainsurgência enquanto “fazemos o possível” com forças sobrecarregadas com missões em todo o mundo. O fantasma de Clausewitz nos assombra: tivemos o lembrete doloroso de que a guerra é, de fato, um fenômeno político. Isso me leva à 12ª e última assertiva.

12. O caráter fundamental da guerra é impermeável às revoluções militares e revoluções em assuntos militares.

As armas mudam; as pessoas e seus motivos não. Clausewitz observou que a guerra é um fenômeno político quase dois séculos atrás. Dois milênios antes, Tucídides oferecia ideias semelhantes sobre o que motiva os homens a ir à guerra e o que os sustenta. Como americanos, depositamos mais fé em habilidades de engenharia que em nossa memória histórica. Temos mais confiança em nossas armas que

na ampla conjunção de fatores que influencia seu uso. No início do século, os pregadores da “revolução em assuntos militares americana” defenderam que poderíamos expulsar a incerteza e a confusão do campo de batalha da mesma forma como havíamos expulsado o Exército iraquiano do Kuwait. Hoje, 19 anos depois da Operação *Desert Storm*, recebemos uma dose de humildade que talvez diminua nossa fé na tecnologia.

Este trabalho começou com a sugestão de que os profissionais militares abandonaram, em grande parte, o conceito de RAM. Os artigos da revista *Joint Force Quarterly* que a enalteciam foram triturados e as apresentações de PowerPoint que a proclamavam foram recicladas no grande depósito eletrônico dos servidores do Pentágono. Como muitos dos produtos que a indústria americana costumava fabricar, a RAM havia passado do ponto da “obsolescência planejada”.

Em geral, a análise de mudanças revolucionárias na arte da guerra foi deixada a cargo dos historiadores. Eles podem fazer dela o que quiserem. Mesmo assim, ainda há valor em estudar revoluções em assuntos militares não só para o historiador, como também para o profissional militar. Quiçá a lição de humildade dos últimos anos nos permita tirar a ideia de revolução em assuntos militares do lixo da história, limpá-la e dar-lhe novos usos. **MR**

REFERÊNCIAS

1. O leitor logo perceberá que grande parte deste artigo se baseia nas ideias de Williamson Murray e MacGregor Knox e, especialmente, de sua colaboração na antologia *The Dynamics of Military Revolution: 1300-2050* (New York: Cambridge University Press, 2001); MILLETT, Allan e sua coleção em colaboração com MURRAY, Williamson, *Military Innovation in the Interwar Period* (New York: Cambridge University Press, 1996); GRAY, Colin, especialmente *Strategy for Chaos: Revolutions in Military Affairs and the Evidence of History* (London: Frank Cass, 2002) and *Another Bloody Century: Future Warfare* (London: Phoenix Books, 2006); e KAGAN, Frederick. *Finding the Target: The Transformation of American Military Policy* (New York: Encounter Books, 2006).
2. Há boatos de que a RAM tenha encenado a própria morte para acobertar sua deserção para a China.
3. GRAY, Colin. “How Has War Changed Since the End of the Cold War?” *Parameters* (Spring 2005): pp. 14-26.
4. Consulte, em particular, MURRAY, Williamson; KNOX, MacGregor. “Thinking about revolutions in military affairs”, em sua antologia, *The Dynamics of Military Revolution, 1300-2050* (New York: Cambridge University Press, 2001), pp. 1-14.
5. DELBRUCK, Hans. *History of the Art of War*, trad., Walter Renfro (Lincoln: University of Nebraska Press, 1990), p. 452.
6. Os atuais estudos acadêmicos sugerem que, mais tarde, Fisher pretendia recorrer mais às embarcações menores. Consulte LAMBERT, Nicholas. *Sir John Fisher’s Naval Revolution* (Columbia: University of South Carolina Press, 1999), pp. 120-26.
7. Isso é provavelmente mais bem descrito em CORUM, James. *The Roots of Blitzkrieg: Hans von Seeckt and German Military Reform* (Lawrence: University Press of Kansas, 1994).
8. A visão do Tenente-Brigadeiro-do-Ar Hugh Dowding é descrita em MURRAY, Williamson. “Innovation: Past and Future”, in *Military Innovation in the Interwar Period*, MURRAY, Williamson; MILLETT, Allan (Cambridge: Cambridge University Press, 1996), pp. 305-308.
9. Outro exemplo, guerra de minas, tão prevalente na Guerra do Vietnã, assistiu ao seu renascimento nos dispositivos explosivos improvisados (IED).
10. Creio que os tripulantes de nossa frota de bombardeiros B-52 poderiam argumentar que a ideia de ressuscitar equipamentos antigos pode ser levada longe demais.
11. MURRAY; KNOX, pp. 6-7.
12. Em suas tentativas infelizes de imitar a “utopia tecnológica” (Williamson Murray) da Força Aérea e da Marinha, alguns criticaram o Exército por cair na pior tendência das duas outras forças singulares: reduzir táticas, operações e estratégia a “problemas de seleção de alvos”.
13. MURRAY, Williamson. “Strategic Bombing: The British, American, and German experiences”, in *Military Innovation in the Interwar Period*, editado por MURRAY, Williamson; MILLETT, Allan R. (New York: Cambridge University Press, 1996), pp. 114-16.
14. MURRAY, “Innovation: Past and Future”, de *Military Innovation in the Interwar Period*, editado por MURRAY, Williamson; MILLETT, Allan R. (New York: Cambridge University Press, 1996), p. 311.